



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **14 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 17 de junho de 2013

A CRITICA Paixão pelas 'bikes' de pai para filhos VEICULAÇÃO LOCAL	1
DIÁRIO DO AMAZONAS Moda da bicicleta gera alta no faturamento VEICULAÇÃO LOCAL	3
O ESTADO DE SÃO PAULO Precisamos da contrapartida do setor privado, diz Gleisi VEICULAÇÃO NACIONAL	5
DCI - COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS BNDES estima investimentos de R\$ 183 bi em projetos logísticos..... VEICULAÇÃO NACIONAL	6
DCI - COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS Câmbio abre espaço para substituição de importados VEICULAÇÃO NACIONAL	7
DCI - COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS Importação de serviços é taxada em até 51% VEICULAÇÃO NACIONAL	8
FOLHA DE SÃO PAULO Mercado de pagamento por celular se aquece VEICULAÇÃO NACIONAL	9
VALOR ECONÔMICO Empresas americanas elevam vendas de produtos e serviços de defesa para o Brasil VEICULAÇÃO NACIONAL	10
O GLOBO Decepção na indústria VEICULAÇÃO NACIONAL	12
ASSESSORIA SUFRAMA Celulares e bicicletas são temas de discussões pelo GTPPB VEICULAÇÃO NACIONAL	14
G-1 Mercado reduz previsão de alta do PIB para menos de 2,5% neste ano VEICULAÇÃO NACIONAL	15
BLOG DA FLORESTA Presidente do PV garante apoio à PEC que prorroga incentivos tributários à Zona Franca VEICULAÇÃO NACIONAL	17
PORTAL DO HOLANDA ZFM: Celulares e bicicletas são temas de discussão em Brasília VEICULAÇÃO NACIONAL	18
BLOG DO SARAFA Um novo Amazonas VEICULAÇÃO NACIONAL	19

	VEÍCULO A CRITICA	EDITORIA
	TÍTULO Paixão pelas 'bikes' de pai para filhos	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

De mestre de obras a empresário do ramo das bikes, Francisco Nunes viu essa mania crescer em toda Manaus

Manaus dos anos 70 do século passado. Muitos bairros ainda estavam em **desenvolvimento** e, por isso, os moradores não tinham acesso a condições básicas de infraestrutura urbana, como ruas asfaltadas, água encanada e transporte coletivo. Foi nesse cenário de mudança que o mestre de obras Francisco Nunes, na época com 27 anos, chegou do Acre, em 1972, em busca de trabalho na área da construção civil.

Conhecido como “Galego”, Francisco comprou uma casa no bairro Alvorada 2 e até arrumou um emprego na sua profissão, onde trabalhou por apenas alguns meses. Mas logo percebeu que a precariedade do transporte coletivo no bairro onde morava poderia se transformar em uma oportunidade de negócio para ele. Galego resolveu então trocar o cimento por chaves mecânicas e a colher de pedreiro por pedais e deu movimento a um projeto no segmento de “duas rodas”.

Ele adquiriu algumas bicicletas e começou a alugá-las. Embora as ruas do bairro não oferecessem boas condições para o uso das magrelas, O negócio foi “ganhando velocidade”. Logo, Galego se transferiu para a primeira etapa do bairro da Alvorada, onde percebeu que o movimento do aluguel das bikes era maior e investiu na compra de mais bicicletas, montando então uma oficina de reparos e a primeira loja dele.

Apesar de também tentar vendê-las, em pouco tempo, entendeu que o principal nicho dos negócios era mesmo o aluguel de bicicletas. Por isso, chegou a ter uma frota de mais de 150 peças que não paravam no pátio da loja. “Todos os fins de semana formavam-se imensas filas de locatários, que vinham de diferentes bairros vizinhos e tomavam conta da rua e da loja”, lembra o filho de Galego, Fernando Barroso, que atualmente possui uma loja do mesmo segmento ainda no bairro da Alvorada.

“Naquela época, a dificuldade de transporte para quem trabalhava fora do bairro era tanta, que a solução era alugar a bicicleta na nossa loja para poder chegar no horário ao trabalho”, explicou a ex-mulher de Galego, Olga Barros.

Com passar do tempo, Galego ficou conhecido como “Rei das Bicycletas”, e sua paixão e empreendedorismo pelo

segmento foi tão notável que até inspirou alguns de seus amigos a pedalarem no negócio das bikes.

Crescimento

Em 2012, foram produzidas 913 mil bicicletas nas fábricas do Polo Industrial de **Manaus**, segundo dados da **Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus (Suframa)**. “E a previsão é de que sejam produzidas um milhão este ano em **Manaus**, do total de 4,5 milhões estimadas para a **produção** nacional em 2013”, destacou José Eduardo Gonçalves, diretor executivo da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicycletas e Similares (Abraciclo).

O **Brasil** tem uma frota estimada de 70 milhões de bicicletas. Segundo a Abraciclo, a região Norte e Centro-Oeste concentram apenas 8% desse quantitativo, contra 44% no Sudeste, 26% no Nordeste e 14% no Sul.

Infância de brincadeiras

Outro aspecto favorável ao negócio da família de Francisco Nunes era o cotidiano dos adolescentes e jovens daquela época, permeado de brincadeiras de rua como manja esconde, bolinha de gude e, é claro, o tradicional passeio de bicicleta no fim da tarde. Costumes que não são mais tão comuns entre as crianças “de hoje”.

“Como se tratava de um produto caro naquele tempo, a saída encontrada pelos pais era alugar uma bicycleta para os filhos brincarem”, contou Galego.

O negócio ganhou tanta “velocidade” nos anos 70 e 80, que a mulher e filho dele também “pegaram carona” e resolveram ter suas próprias lojas. O faturamento permitiu à família adquirir bens como casa própria e carro.

Mas, com o passar dos anos, as limitações de saúde impediram Galego de continuar “na pista”. O caminho que ele abriu foi seguido pela ex-mulher e dois filhos, que até hoje continuam investindo no negócio e vivendo do empreendimento familiar que completa, este ano, 41 anos de dedicação. “Quase tudo o que temos e adquirimos devemos às bicycletas”, agradeceu Fernando.

Saiba mais

Benefícios

Andar de bicicleta é uma atividade aeróbica que nunca sai de moda. E os benefícios são inúmeros. Lúdico e prazeroso, pedalar é um dos exercícios mais completos que existem, pois melhora o condicionamento cardiorrespiratório, a resistência muscular e, de quebra, ajuda a queimar muitas gordurinhas – o gasto energético de um treino de bike pode chegar a 500

calorias, afirma Maurício Barbosa, ortopedista e médico do esporte.

Saúde

Segundo o especialista, pedalar estimula o sistema imunológico, melhora a função respiratória, reduz o mau colesterol e o risco de enfarte em cerca de 50%.

	VEÍCULO DIÁRIO DO AMAZONAS	EDITORIA
	TÍTULO Moda da bicicleta gera alta no faturamento	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Vendas crescem mesmo com menor volume produzido

Manaus - A popularização da bicicleta como meio de transporte de baixo custo e viável ecologicamente tem influenciado a **produção** das indústrias instaladas no Polo Industrial de **Manaus (PIM)**, que modificaram o perfil produtivo para oferecer produtos de maior valor agregado. Apesar de o número de unidades produzidas cair, o faturamento do setor cresce a cada ano.

Para continuar avançando e atraindo novas fabricantes, é preciso investir em **desenvolvimento** de mão de obra e de uma indústria componentista alinhada com as novas tecnologias, avalia o diretor executivo da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicycletas e Similares (Abraciclo), José Eduardo Gonçalves.

Segundo dados da **Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa)**, a quantidade de bicicletas produzidas no **PIM** em 2012 foi 1,5% menor que o volume fabricado no ano anterior, passando de 919.363, para 905.334 unidades no ano passado.

O faturamento, no entanto, não segue a mesma linha. No primeiro trimestre deste ano os ganhos das indústrias de bicicletas do **PIM** já chegam a US\$ 30,9 milhões, valor 4,74% superior ao registrado no mesmo período de 2012, quando o crescimento no faturamento havia sido de 10,7%.

“As pessoas estão buscando bicicletas com maior valor agregado, que são fabricadas com materiais nobres, como alumínio e fibra de carbono, com marchas e um design mais moderno, arrojado. Tudo isso resulta em um produto de melhor performance”, observa José Eduardo Gonçalves.

Para o dirigente, esta busca por produtos de melhor qualidade é impulsionada, principalmente, pela popularização da bicicleta como solução para os problemas de mobilidade urbana entre todas as classes sociais.

“A bicicleta tem conquistado seu espaço na cidade e é um dos veículos mais respeitados atualmente, porque ela tem três características imbatíveis: é barata, tanto para comprar como para manter, não agride o meio ambiente e faz bem

para a saúde do condutor. Nenhum outro veículo reúne todas estas qualidades”, observa.

O **Brasil** conta atualmente com uma frota de 70 milhões de unidades, aproximadamente, o que significa uma bicicleta para cada três habitantes.

De acordo com dados da Abraciclo, 50% das bicicletas vendidas no **Brasil** são usadas para a locomoção, 32% para o segmento infantil e 17% exclusivamente para recreação e lazer.

Para o diretor executivo da OX Bikes, David Peterle Santiana, esta mudança do perfil foi a principal responsável pela adaptação das linhas de montagem.

“Antes as bicicletas eram usadas apenas para o lazer de final de semana. Agora, com esta necessidade de locomoção, elas são utilizadas por mais tempo e por distâncias maiores, então tiveram que se tornar mais duráveis e resistentes, com materiais e componentes de mais qualidade”, explica.

O gerente de vendas da Prince Bikes, Tarciso Amoedo, conta que esta procura vem crescendo também devido à migração de clientes que já utilizam a bicicleta e buscam evoluir no segmento.

“Para o consumidor, a primeira bicicleta tem uma configuração mais básica, da segunda em diante ele vai querer uma melhor, mais equipada, mais confortável e daí em diante só vai adquirir um produto mais sofisticado”, avalia.

De acordo com o representante, esta diversificação de público tem sido benéfica para o setor, que busca novas soluções tecnológicas e profissionais mais capacitados para atender a demanda. “Em termos de tecnologia, as perspectivas são as melhores possíveis”, observa.

Modelos elétricos estão melhores e mais leves

As bicicletas elétricas são produzidas no **PIM** desde 2010, mas no último ano o **mercado** viu surgir novos modelos, menores, mais leves e com maior tecnologia embarcada.

Para o diretor executivo da OX Bikes, o segmento tem grande potencial e pode servir como porta de entrada para que pessoas sedentárias tomem gosto pelo ciclismo.

“As vezes a pessoa tem preguiça de pedalar, ou acha que vai se cansar muito. Mas quando diz que a bicicleta ajuda, ele já acha mais interessante. Com o tempo, o preparo físico da pessoa melhora e ela vai precisando cada vez menos da assistência do motor”, conta.

A empresa possui atualmente cinco modelos de bicicletas elétricas, todas equipadas com o sistema de pedal assistido, onde para fazer o motor funcionar é necessário que o condutor pedale, mas com assistência que vai de 0 a 90%. “Assim, a pessoa começa com 90% de assistência, onde ele não precisa fazer quase nenhum esforço, e vai diminuindo essa ‘ajuda’ conforme adquire resistência”, afirma.

O produto é equipado com bateria de lítio e está disponível também na versão dobrável. O preço sugerido vai de R\$ 2.790 a R\$ 2.990.

Produtos de ponta têm forte concorrência com asiáticos

Além de ser o que mais cresce, o segmento de bicicletas ‘topo de linha’ é também o que mais sofre com a concorrência das **importadas**, vindas principalmente da Ásia. Das 4,5 milhões de bicicletas que devem entrar no **mercado** brasileiro este ano, segundo estimativa da Abraciclo, 330 serão **importadas**.

“O governo aumentou o Imposto de **importação** de 20% para 35% há dois anos, então as lojas deixaram de **importar** os modelos mais baratos, mas aumentaram a **importação** dos modelos mais caros”, disse Eduardo Gonçalves. Segundo levantamento do **Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior** (MIDC) de 2012, a China é o país líder em **exportações** de bicicletas para o Brasil. Seguido de Taiwan, Camboja, Indonésia e Cingapura.

Os itens deste segmento custam de R\$ 700 a R\$ 30 mil, no caso de produtos de competição ou relacionados a grifes de alta-costura, como Chanel e Hermés.

Para o representante da Abraciclo, é preciso investir no **desenvolvimento** de indústrias de componentes para que o segmento continue a evoluir. “Precisamos ter no **Brasil** fornecedores de componentes de alto valor agregado. Não

temos nenhuma fabricante de câmbio, por exemplo, uma coisa que é fundamental”, afirma.

Hoje em dia o Polo de Duas Rodas conta com apenas três fabricantes Caloi, Prince Bikes e OX, que juntas já produziram 192.543 bicicletas este ano, sendo 23.405 sem marcha e 160.138 com marcha.

O diretor da OX afirma que outra grave deficiência está em encontrar mão de obra capacitada. De acordo com Santiana, a empresa realiza a solda de todos os seus quadros de alumínio em São Paulo, pois não encontra profissionais com este nível de especialização em **Manaus**.

Não existe, atualmente, em **Manaus** nenhum curso de capacitação em mecânica de bicicletas, por exemplo, enquanto que para o setor de motocicletas existe pelo menos três opções de cursos.

“Temos dificuldade também em manter este trabalhador. O percentual de faltas aqui em **Manaus** é cinco vezes maior que o de outros lugares do Brasil. Chegamos a ter 15% de faltosos em um mês”, lamentou.

A **Suframa** não informou o número preciso de empresas com projetos de instalação em andamento no **PIM**, mas afirmou, em nota, que tem recebido diversas consultas do segmento e que a Houston Bike, segundo maior fabricante nacional, já tem projeto aprovado no CAS e deve iniciar suas operações fabris no **PIM** a partir de 2014.

“Acreditamos nessa mudança comportamental da população e no crescimento do **mercado** formal de bicicletas, onde somente as empresas sérias e comprometidas com a qualidade permanecerão”, completa o gerente da Prince Bikes, Tarciso Amoedo.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Precisamos da contrapartida do setor privado, diz Gleisi		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Depois de duas dezenas de pacotes de medidas para estimular a economia, o governo Dilma Rousseff não perdeu o fôlego: o ritmo de atuação vai continuar acelerado, de forma a garantir mais crescimento e menos inflação. De acordo com a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, o governo vai continuar usando todos os instrumentos para impulsionar os investimentos e debelar a alta dos preços. Mas, segundo Gleisi, o governo não pode ficar sozinho: "precisamos da contrapartida do setor privado".

Em entrevista exclusiva ao Estado, concedida em seu gabinete no Palácio do Planalto, a ministra da Casa Civil parafraseou o cientista político Wanderley dos Santos ao caracterizar a atuação do governo e defender o que muitos chamam de hiperativismo: "Vivemos revoluções continuadas".

"Não há setor hoje no País que não esteja desafiado a se transformar. É óbvio que isso causa desconforto, mas para o momento em que nós vivemos, as diversas ações do governo são necessárias. Precisamos dar resposta aos desafios do crescimento, a todos que surgem", disse Gleisi, uma das principais formuladoras das diversas reformas anunciadas pelo governo.

O Estado contabilizou 19 pacotes lançados pelo **Governo Federal** na gestão Dilma, sendo o Plano **Brasil Maior**, sua política industrial de agosto de 2011, o primeiro. Amanhã, o governo vai lançar seu 20.º pacote de medidas, desta vez com foco no setor de mineração.

"O governo tem feito todos os esforços para proteger a renda das famílias e a **produção** da indústria neste momento de crise, e vamos continuar tomando todas as medidas necessárias. Mas precisamos que os empresários correspondam ao governo, que de fato façam os investimentos", disse.

Concessões. Segundo a ministra-chefe da Casa Civil, o ritmo dos investimentos no País vai aumentar fortemente a partir do segundo semestre. A grande aposta do Palácio do Planalto reside nas concessões de rodovias, ferrovias, portos, e aeroportos. "Vamos começar com as licitações a partir de

julho." O governo vai editar ainda neste mês a primeira relação de anúncio público dos terminais portuários de uso privativo, afirmou a ministra. Em julho, serão publicados estudos técnicos sobre o arrendamento junto às Companhias Docas de Santos e do Pará.

"Também em rodovias estamos em ritmo acelerado", disse Gleisi.

Questionada sobre o fato de que o ativismo econômico do governo ainda não resultou em um avanço forte do Produto Interno Bruto (**PIB**), a ministrachefe da Casa Civil apontou para a explosão da crise mundial, tendo a União Europeia na linha de frente.

"Não estamos sozinhos no mundo. Todos os nossos parceiros comerciais, Argentina, China, EUA, e União Europeia tiveram problemas, cada um a sua maneira. É impossível manter o mesmo ritmo de crescimento quando alguns parceiros estão quebrados", disse Gleisi.

Há exatos dois anos no cargo de "Dilma da Dilma", a comandante da Casa Civil afirmou que, depois de todas as medidas dos últimos meses, a hora do crescimento acelerado está para chegar. Senadora pelo PT do Paraná, Gleisi chegou ao Palácio do Planalto em junho de 2011, depois que Antônio Palocci, seu antecessor, caiu por conta de denúncias.

Segundo ela, a conjuntura internacional do período Dilma não permitiu ao governo ter uma atuação mais suave. "Estamos adequando o País às necessidades. Se tivéssemos vivendo uma conjuntura internacional mais fácil poderíamos até agir de forma diferente, mas não é o caso. Imagina se, em 2008, o presidente **Lula** tivesse feito como os países ricos fizeram: cortado gastos e elevado impostos.

Nós estaríamos quebrados agora", disse a ministra. / J.V.

Terminais portuários

O governo vai editar ainda neste mês a primeira relação de anúncio público dos terminais portuários de uso privativo, disse a ministra Gleisi Hoffmann.

	VEÍCULO DCI - COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS	EDITORIA	
	TÍTULO BNDES estima investimentos de R\$ 183 bi em projetos logísticos		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estima investimentos de R\$ 183 bilhões no setor de infraestrutura entre 2013 e 2016, dos quais o próprio banco deve financiar 43%, enquanto os demais recursos públicos responderão por 19% e os 38% restantes ficarão com os investidores privados.

O montante corresponde aos recursos que devem ser aplicados em portos, rodovias, aeroportos e ferrovias, incluindo o volume previsto para o Trem de Alta Velocidade (TAV).

Os recursos contemplam não apenas o previsto pelo governo dentro do Programa de Investimentos em Logística (PIL), mas também outros investimentos em concessões e obras realizadas diretamente por órgãos governamentais, como Infraero e Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit). As informações são do gerente da área de infraestrutura do **BNDES**, Dalmo dos Santos Marchetti, na última sexta-feira, em São Paulo.

Portos

Somente o setor portuário deverá receber R\$ 35,8 bilhões no período, com 55% financiados pelo **BNDES**. O volume contrasta com os R\$ 54,6 bilhões estimados pelo **Governo Federal** até 2017 com o PIL, que prevê até 65% de participação do **BNDES**. "Como existem projetos que não são financiados pelo **BNDES** e outros que são financiados com alavancagem diferente da prevista para o programa, a participação do banco fica menor", explicou.

Marchetti acrescentou que as estimativas contemplam parte das postergações no cronograma das novas concessões para o setor de infraestrutura.

Do total estimado para os portos, a maior parcela, de R\$ 24 bilhões (67%), deve ser destinada à modernização e ao aumento da capacidade dos terminais, enquanto outros R\$ 5 bilhões (14%) serão aplicados no aumento da oferta de terminais de contêineres. Novos portos públicos consumirão R\$ 3,9 bilhões e os restantes R\$ 3 bilhões correspondem ao investimento público direto em infraestrutura e superestruturas.

Enquanto isso, o governo age para defender os vetos do Executivo à Lei dos Portos, que ainda vai voltar ao Congresso. O ministro da Secretaria de Portos da Presidência da República, Leônidas Cristino, afirmou que qualquer alteração no texto significa perda da "essência" do marco regulatório. "Vamos trabalhar para não acontecer a derrubada dos vetos. Queremos que esse marco regulatório se preserve. Os vetos foram **importantíssimos** para manter a essência da lei ". O ministro destacou que a derrubada significaria atraso nos procedimentos do primeiro bloco de licitações, a partir de julho.

Rodovias

O setor de rodovias deve receber investimentos de R\$ 69 bilhões até 2016, dos quais 34% serão recursos do **BNDES**, enquanto aeroportos receberão R\$ 10 bilhões, sendo 46% do banco de fomento, e no setor de ferrovias, o montante de investimento é de R\$ 55 bilhões, sendo 42% do **BNDES**. Por fim, o TAV terá no período R\$ 14 bilhões, sendo 60% proveniente do banco.

	VEÍCULO DCI - COMÉRCIO , INDÚSTRIA E SERVIÇOS	EDITORIA	
	TÍTULO Câmbio abre espaço para substituição de <u>importados</u>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Liliana Lavoratti Roberto Müller Filho câmbio

SÃO PAULO

O ajuste cambial deve abrir espaço para a indústria brasileira. A conclusão é do professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e assessor da presidência do Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico e Social (**BNDES**), David Kupfer, em entrevista exclusiva ao DCI.

Segundo o especialista, a competitividade de preços decorrente do ajuste cambial poderá propiciar o retorno da **produção**, no Brasil, de bens intermediários e parte dos componentes industriais, que nos últimos anos foram substituídos pelas **importações** por causa da vantagem do real apreciado frente ao **dólar**.

Se isso acontecer, a transição da taxa de câmbio para um nível adequado de rentabilidade das **exportações** e

favorecimento dos investimentos seria mais favorável ao País, prevê Kupfer. "Mas isso dependerá da capacidade da indústria responder ao espaço que se abre", completa.

Embora admita que o ajuste cambial possa causar pressão inflacionária, por causa da alta dos custos industriais, Kupfer acredita que boa parte desse movimento será neutralizada pela queda dos preços dos serviços. Ele observa ainda que, além da operação cotidiana da política econômica, a principal lacuna é a "formulação de uma estratégia de crescimento de longo prazo da economia".

Sobre a capacidade da indústria de ocupar o espaço das **importações**, Kupfer diz que encarecendo o **dólar**, os insumos industriais, os bens intermediários e os de capital ficarão mais caros. "Se continuarmos **importando**, o custo final será do tamanho da variação do **dólar**. Se substituirmos por **produção** nacional, poderemos ter um resultado final melhor para a economia brasileira", diz

	VEÍCULO DCI - COMÉRCIO , INDÚSTRIA E SERVIÇOS		EDITORIA
	TÍTULO Importação de serviços é taxada em até 51%		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

SÃO PAULO

Toda vez que a indústria brasileira **importa** um serviço, como a contratação de um consultor estrangeiro ou um trabalho de assistência técnica em outro país, a empresa precisa desembolsar entre 41,08% e 51,26% do valor contratado para o pagamento de tributos. A constatação foi feita pelo estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que mostra que está nesse valor os seis tributos que recaem sobre a **importação** de serviços no Brasil.

A pesquisa "Tributação sobre **importação** de Serviços: Impactos, Casos e Recomendações de Políticas", entregue ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, também apresenta propostas para corrigir seis distorções encontradas na forma de cálculo dos tributos. O trabalho mostra que, atualmente, os serviços representam 23,1% de tudo o que a indústria brasileira consome no processo produtivo e a elevada tributação tira a competitividade do produto brasileiro.

Na avaliação da CNI, a elevada tributação em operações de **importação** de serviços, além de aumentar o custo para as indústrias, amplia o preço de **exportação** de muitos bens e serviços, prejudicando o acesso das empresas brasileiras à tecnologia, o que compromete os investimentos. "Em um mundo de cadeias de valor integradas, em que a inovação se desenvolve em sistemas abertos, a tributação excessiva sobre serviços é um obstáculo para o **desenvolvimento** de uma indústria competitiva", afirma o diretor de políticas e estratégia da CNI, José Augusto Fernandes.

Até 2022, o **Brasil** deve zerar a cumulatividade dos tributos, segundo prevê a CNI no documento elaborado em conjunto com 500 representantes empresariais e que apresenta metas para o País para a próxima década.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Mercado de pagamento por celular se aquece		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Lojistas e autônomos podem usar smartphones para realizar cobrança

Aplicativos permitem usar aparelho como se fosse uma máquina de cartão; várias empresas oferecem o serviço

FILIPE OLIVEIRA COLABORAÇÃO PARA FOLHA

Lojistas, profissionais liberais e autônomos têm novas opções para receber pagamentos por cartão.

O **mercado** de pagamentos móveis está disputado. Só em 2013, Lugu, PagSeguro (serviço do UOL, empresa controlada pelo Grupo Folha, que edita a Folha) e Unipay lançaram serviços.

O pagamento pode ser feito a partir da conexão de um leitor de cartões de crédito no smartphone de quem receberá. Outra modo é a partir de aplicativos em que a transação é feita digitando os dados do cartão e o valor da compra.

O taxista Marcello Macedo, 37, ficou com a segunda opção. Instalou no celular o aplicativo da Lugu, ao mesmo tempo em que conseguiu uma máquina tradicional.

Ele diz que perdia clientes por não aceitar cartão. Agora, aproxima seu celular de um QR Code (código bidimensional que funciona como o de barras), que abre uma tela de pagamentos. A seguir, insere os dados do cartão do cliente e o valor da corrida.

Para divulgar a novidade, colocou panfletos no carro explicando o funcionamento. "Se isso realmente pegar, prefiro ficar só com esse sistema para não precisar carregar a maquininha, que ocupa metade do porta-luvas."

Já Érika Calabianqui, 33, optou pelo leitor de cartões conectado ao celular. Para isso, comprou um smartphone para usar nas vendas de semi joias e roupas que faz de porta em porta.

Usuária do sistema da PagPop há cinco meses, diz que a inovação melhorou a sua produtividade.

"Antes, fazia uma venda parcelada e precisava de quatro viagens para receber. Hoje, faço tudo em uma visita."

Também há a opção para quem trabalha com "delivery". A Pagtel, por exemplo, oferece a possibilidade de o cliente pagar por ligação telefônica, após cadastro na internet ou com atendente.

SEGURANÇA

Para ter segurança ao usar esses serviços, Victor Lima, gerente da consultoria Concrete Solution, recomenda que se verifique se a empresa tem um selo PCI (Payment Card Industry Security), que garante padrão internacional de armazenamento de dados.

Lima também sugere que se pesquise qual a taxa cobrada por transação e o custo mensal de cada solução antes da escolha.

Renato Blum, presidente do conselho de tecnologia da informação da FecomercioSP, sugere que se pesquise em sites de reclamação e nas redes sociais a satisfação dos usuários do serviço.

CUIDADOS ANTES DE USAR

- Pesquise em sites de reclamação e redes sociais a satisfação dos usuários do serviço

- Como há várias empresas oferecendo aplicativos, pesquise preços; compare tanto o custo mensal fixo quanto a taxa por cada transação

- Verifique se o serviço tem certificação de segurança

Prefiro ficar só com esse sistema para não precisar carregar a maquininha, que ocupa metade do porta-luvas

Marcelo Macedo taxista

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO Empresas americanas elevam vendas de produtos e serviços de defesa para o Brasil		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Por Sergio Lamucci | De Washington

As **exportações** de artigos e serviços de defesa dos Estados Unidos para o **Brasil** estão em alta, num quadro em que empresas americanas buscam novos **mercados** para seus produtos, com o fim das guerras no Iraque e no Afeganistão e cortes no orçamento militar.

Em 2012, as vendas para o **Brasil** totalizaram US\$ 633 milhões, 37% a mais que no ano anterior, segundo números do Departamento de Estado, compilados pela seção americana do Conselho Empresarial Brasil-EUA. A proximidade da Copa do Mundo em 2014 e da Olimpíada do Rio de Janeiro em 2016 aguça o interesse das companhias americanas, assim como os grandes projetos de vigilância da costa e das fronteiras brasileiras.

Os números mostram que o Departamento de Estado americano tem aprovado cerca de 90% dos pedidos das empresas do país para **exportar** produtos, serviços e tecnologia militar para o **Brasil** - no ano passado, a fatia ficou em 89,1%, Foram negadas apenas 0,2% das demandas, que precisa passar pelo crivo do departamento. Os pouco mais de 10% restantes são devolvidos sem definição, em geral porque são casos em que a licença de **exportação** não é necessária. O número de pedidos de aprovação de **exportação** de produtos, serviços e tecnologia para o Departamento de Estado ficou em 2,4 mil em 2012, 18% a mais que em 2011. Em 2008, foram 1.004.

Para a diretora-executiva da seção americana do Conselho Empresarial Brasil-EUA, Monique Fridell, o crescimento das **exportações** americanas para o **Brasil** de bens e serviços militares e de uso dual, com um percentual muito baixo de recusas dos pedidos para autorização, indica a maior disposição dos EUA em transferir tecnologia na área de defesa. Um executivo de uma grande empresa brasileira que atua na área diz que tem de fato notado "maior flexibilidade" por parte do governo americano nas aprovações. Há, segundo ele, maior disposição em se aproximar dos brasileiros.

Como pano de fundo, há a licitação dos caças para a Força Aérea Brasileira (FAB), que se arrasta há vários anos. A

Boeing é uma das finalistas, ao lado da francesa Dassault e da sueca Saab, num negócio que envolve mais de US\$ 4 bilhões. No governo Lula, os franceses eram os favoritos, mas há relatos de que o cenário mudou na administração da presidente Dilma Rousseff. As parcerias da Boeing com a Embraer - que foi escolhida neste ano para fornecer Super Tucanos para a Força Aérea dos EUA - aumentariam as chances da concorrente americana. Isso influenciaria a disposição do governo em autorizar vendas para o Brasil, parceiro visto como confiável pelos na área de defesa.

Monique destaca que, com o fim das operações de guerra no Iraque e Afeganistão, as empresas americanas de defesa procuram novos **mercados**, num momento em que também há cortes expressivos de despesas públicas com segurança. Dos cortes automáticos de gastos de US\$ 85 bilhões que entraram em vigor em março, o chamado "sequestro", metade se refere a dispêndios militares. Com isso, o Brasil, que pretende desenvolver esse setor, aparece como oportunidade **importante** de negócios para as companhias dos EUA que atuam no segmento, ainda que com demanda muito menor.

Ex-diretor do Centro de Estudos Hemisféricos da Universidade de Defesa Nacional, em Washington, Richard Downie diz que as empresas americanas que atuam no setor de defesa veem o **Brasil** como o **mercado** mais atraente da América Latina, por seu porte e por estar em crescimento. Ele lembra que a Copa do Mundo será realizada em 2014 e a Olimpíada, em 2016, havendo também a perspectiva de venda de produtos para projetos para os quais o governo brasileiro está abrindo licitações, como o Sistema de Gerenciamento da **Amazônia** Azul (SisGAAz).

Atualmente na Delphi Strategic Consulting, Downie aponta, porém, algumas dificuldades do ponto de vista das companhias dos EUA para negociar com o Brasil. Segundo ele, a regra pela qual quem fornecer produtos para o SisGAAz terá de ceder integralmente o uso da tecnologia é considerada um obstáculo por algumas empresas. Essa exigência pode ser muito rígida, afirma Downie, que, apesar disso, vê o **Brasil** como **mercado** promissor para a indústria americana de defesa.

Ajuda nesse sentido a aproximação entre os dois países, que vai culminar na visita de Estado da presidente Dilma Rousseff aos EUA, em outubro. Monique lembra que **Brasil** e EUA têm intensificado as relações no setor de defesa. Em abril de 2012, foi estabelecido o diálogo de cooperação em defesa entre os dois países. Em dezembro, foi a vez do diálogo para cooperação industrial para estreitar os laços entre as empresas do **Brasil** e dos EUA que atuam no segmento industrial.

"Vejo no **Brasil** uma maior consciência de que a inovação na indústria de defesa é um canal **importante** para a aplicação comercial da tecnologia", diz Monique. Ela destaca a missão do Conselho Empresarial Brasil-EUA realizada em abril, com dez empresas americanas que atuam na área de defesa, como a Raytheon, que foi a líder da delegação, a Boeing, a GE, a Lockheed Martin e a BAE Systems.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Decepção na indústria		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Sem incentivos ao setor, eletroportáteis chineses dominam mercado. Dólar alto pode afetar abastecimento

Eliane Oliveira

Brasília - Sem condições de concorrer com os importados, a indústria nacional praticamente parou de fabricar os chamados aparelhos portáteis, como ferros elétricos, aparelhos de barbear, torradeiras, panelas elétricas e cafeteiras. Os empresários que ainda insistem em produzir essa categoria de itens registram quantidades mínimas se comparadas com o que vem dos países asiáticos, especialmente da China. Um levantamento feito pela Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee) a pedido do GLOBO mostra que, de 2007 a 2010, as importações desses produtos cresceram 86%, passando de US\$ 80,5 milhões para US\$ 150 milhões.

Usando dados do IBGE e do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a Abinee constatou que, em 2010, foram produzidos 448 mil aspiradores de pó no Brasil e importados 2,4 milhões de unidades. No mesmo ano, o país produziu 13,8 milhões de liquidificadores e espremedores de frutas e importou 73 milhões desses produtos. De aquecedores de ambiente, apenas 25 mil eram nacionais e um milhão importados. Secadores de cabelo (incluindo chapinhas) foram 3,7 milhões de produção local e 9 milhões de importados.

Essa situação perdura há anos, mas, se a alta contínua do dólar ante o real durar mais tempo, o consumidor brasileiro terá dificuldades para presentear, nas festas de fim de ano, parentes e amigos com aparelhos elétricos portáteis. Isso porque o encarecimento da moeda americana levará à redução das importações e, assim, esses produtos ficarão mais caros. E ainda escassos, devido à baixa produção nacional.

- A indústria brasileira não aproveitou o crescimento da renda da população. Boa parte do esforço de inclusão de pessoas no mercado de consumo no Brasil viabilizou a produção de outros países - lamentou o presidente da Abinee, Humberto Barbato.

GOVERNO DARÁ 'ATENÇÃO ESPECIAL' AO SETOR

Ele explicou que, além do câmbio, os empresários brasileiros estão em desvantagem por uma série de razões, sendo as principais os entraves em infraestrutura e logística. Segundo Barbato, a produção de ferro elétrico para uso doméstico e aparelho de barbear, entre outros exemplos, é tão pequena que sequer aparece nas estatísticas oficiais. Ele garantiu que, havendo queda das importações e espaço para as empresas nacionais, a produção desses produtos no país começa imediatamente.

O mesmo avalia Alexandre Cabral, diretor de Setores Intensivos em Capital e Tecnologia do MDIC. Ele admitiu que, na chamada família de eletroeletrônicos, os eletroportáteis não recebem a mesma prioridade do Governo Federal como os produtos de linha branca: máquinas de lavar, fogões e geladeira; e linha marrom, com destaque para televisões e outros aparelhos de áudio e vídeo. Graças aos incentivos dados a essas duas categorias de itens, 90% dos artigos vendidos no Brasil são fabricados por empresas nacionais. No caso dos portáteis, 30% são nacionais e 70% importados.

- Uma das características das linhas branca e marrom é que os produtos pesam para serem transportados, o que ajuda a indústria nacional, enquanto os portáteis são leves e fáceis de trazer para o Brasil - observou Cabral.

Ele revelou que os eletroportáteis terão atenção especial em 2014. Desde 2012, são tomadas medidas para evitar o ingresso irregular desses produtos, com barreiras técnicas. No entanto, explicou o técnico do MDIC, a fiscalização só será melhorada ano que vem, quando forem colocados fiscais do Inmetro nos portos, aeroportos e fronteiras. Também devem ser anunciados incentivos para que os produtores nacionais possam investir em design.

RISCO DE INFLAÇÃO NOS ELETROELETRÔNICOS

Boa parte desses produtos são objeto de ações antidumping para proteger a indústria nacional. No entanto, a grande dificuldade de se abrir um processo administrativo é que, muitas vezes, não há no Brasil produtos similares para garantir o abastecimento do mercado. Pelas contas do governo e de especialistas, o aumento do dólar verificado desde abril, da ordem de 7%, vai se refletir na economia

dentro de três a seis meses, o que coincide com as festas de fim de ano.

- Tudo indica que teremos um Natal tenebroso - previu o presidente da Associação Brasileira de **Importadores** de Produtos Populares (Abipp), Gustavo Dedivitz.

Existe o risco de uma inflação de eletroeletrônicos como há tempos não se via. Os números produzidos pelo Banco Central mostram que os aparelhos eletrônicos ficaram 1,98% mais caros em maio. Para o economista da Tendências Felipe Salto, a situação fica difícil para o consumidor e para o próprio fabricante nacional.

- A situação da indústria brasileira é calamitosa. Além da taxa de câmbio, há um problema estrutural de competitividade - disse Salto.

De acordo com o presidente da Associação de **Comércio Exterior do Brasil** (AEB), José Augusto de Castro, há **importadores** que já pensam em rever encomendas que começam a ser feitas de junho a setembro, para as festas de fim de ano.

- Esse tipo de oscilação só prejudica as negociações dos contratos - enfatizou Castro.

Bruno Menezes, do site de compras de produtos americanos **Mercado Direto**, disse que até o presente momento não houve baixa nas **importações**, apesar da alta no câmbio este ano. As vendas não foram afetadas.

- Há uma demanda crescente por produtos **importados** pelos consumidores brasileiros. Nossas vendas têm uma alta geralmente a partir do mês de setembro, que é quando o **mercado** brasileiro se aquece devido ao Natal. Com isso esperamos que nossas vendas aumentem e não sintam a alta do **dólar** ao menos por agora - comentou Menezes.

"A indústria brasileira não aproveitou o crescimento da renda da população"

Humberto Barbato

	VEÍCULO ASSESSORIA SUFRAMA	EDITORIA	
	TÍTULO Celulares e bicicletas são temas de discussões pelo GTPPB		
ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Márcio Gallo

A **Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus** (**SUFRAMA**) participou, em Brasília, de reuniões realizadas na última semana para tratar sobre dois produtos fabricados no Polo Industrial de **Manaus** (**PIM**): aparelhos celulares e bicicletas. Promovidas pelo Grupo Técnico de Análise do Processo Produtivo Básico (**GTPPB**), composto por representantes da **SUFRAMA**, do **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior** (**MDIC**) e **Ministério** da Ciência, Tecnologia e Inovação (**MCTI**), as reuniões tiveram a participação de representantes das empresas interessadas e associações de classe, e tiveram por objetivo discutir propostas para incentivar os dois segmentos da indústria brasileira. A **SUFRAMA** foi representada pelo coordenador-geral de Acompanhamento de Projetos Industriais (CGAPI), José Jorge do Nascimento Júnior.

A discussão que tratou sobre bicicletas foi proposta pela Associação Brasileira de Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo). Segundo os empresários, diante da mudança do perfil do consumidor, que começa a exigir produtos com design mais moderno, de maior qualidade e performance, é necessário atualizar o **PPB** atual.

A alegação das empresas é de que componentes, até então considerados de uso exclusivo de bicicletas de alta performance, se tornaram de uso comum, como suspensões, guidões em materiais especiais e rodas, entre outros. A adaptação da tecnologia e da qualidade dos quadros

utilizados são fundamentais para as indústrias do setor, bem como o uso de materiais especiais (como o alumínio e fibra de carbono) na fabricação de quadros é cada vez mais exigido pelo **mercado** consumidor. Assim, segundo as empresas, as estratégias de manufatura precisam ser revistas, buscando a viabilidade da fabricação de produtos de maior valor agregado.

Celulares

A segunda reunião abordou a indústria de eletroeletrônicos, mais especificamente o setor de telefonia celular. Com a participação dos representantes do **GTPPB**, de empresas do segmento e da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), o encontro buscou discutir o **mercado** de aparelhos celulares nacionais. Questões logísticas, possíveis alterações no **PPB**, ações do governo junto às operadoras de telefonia e medidas que busquem tornar o aparelho produzido no País mais competitivo frente aos **importados** foram alguns dos pontos tratados na reunião.

“As discussões, na verdade, ainda estão em fase inicial. Novas reuniões serão realizadas para tratar das propostas que devem surgir a partir do que foi exposto nestes encontros. O que for decidido deve trazer benefícios para todas as partes envolvidas e com certeza vai contemplar de forma positiva a indústria nacional”, destacou o coordenador-geral da CGAPI, José Jorge do Nascimento Júnior.

	VEÍCULO G-1	EDITORIA	
	TÍTULO Mercado reduz previsão de alta do PIB para menos de 2,5% neste ano		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Esta foi a quinta diminuição consecutiva na expectativa para o PIB de 2013.

Expectativa dos analistas para IPCA deste ano subiu de 5,80% para 5,83%.

Os economistas do **mercado** financeiro baixaram, na última semana, sua estimativa para o crescimento do Produto Interno Bruto (**PIB**) de 2013, além de terem aumentado sua previsão para a inflação neste ano, informou o Banco Central nesta segunda-feira (17).

As estimativas foram divulgadas por meio do relatório de **mercado**, também conhecido como Boletim Focus. O documento é fruto de pesquisa da autoridade monetária com mais de 100 instituições financeiras.

Para a expansão do **PIB** de 2013, a estimativa dos analistas do **mercado** recuou de 2,53% para 2,49%. Foi a quinta queda consecutiva deste indicador, que recuou, pela primeira vez, para um patamar abaixo de 2,5%. Para 2014 a previsão de crescimento da economia brasileira permaneceu em 3,20%.

A revisão para baixo na expectativa de crescimento da economia brasileira feita pelo **mercado** financeiro aconteceu após a divulgação do **PIB** do primeiro trimestre deste ano que, segundo o IBGE, avançou somente 0,6% na comparação com os três últimos meses do ano passado - valor que ficou abaixo da previsão dos economistas.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, admitiu no final de maio que a estimativa de crescimento da economia de 3,5%, que consta no orçamento federal deste ano, não deve ser atingida e que será revista para baixo no futuro. Entretanto, não citou números. O presidente do BC, Alexandre Tombini, declarou que a expansão do **PIB** neste ano deve ficar em torno de 3%.

Inflação e juros

Para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que serve de referência para o sistema de metas de inflação, a estimativa do **mercado** financeiro para este ano subiu de 5,80% para 5,83% - apesar do aumento de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros promovida pelo Banco Central, para 8% ao ano, no mês passado. Para 2014, a previsão do **mercado** para o IPCA ficou inalterada em 5,80%.

Pelo sistema de metas que vigora no Brasil, o BC tem de calibrar os juros para atingir as metas pré-estabelecidas, tendo por base o IPCA. Para 2013 e 2014, a meta central de inflação é de 4,5%, com um intervalo de tolerância de dois pontos percentuais para cima ou para baixo. Desse modo, o IPCA pode ficar entre 2,5% e 6,5% sem que a meta seja formalmente descumprida.

O **mercado** financeiro também elevou, na semana passada, sua previsão para a taxa de juros no fim deste ano, que passou de 8,75% para 9% ao ano. Para a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) de julho deste ano, a expectativa do **mercado** financeiro foi mantida em uma nova alta 0,5 ponto percentual, para 8,5% ao ano. Para o fim de 2014, a previsão dos analistas para os juros básicos passou de 8,75% para 9% ao ano.

Câmbio, balança comercial e investimentos estrangeiros

Nesta edição do relatório Focus, a projeção do **mercado** financeiro para a taxa de câmbio no fim de 2013 ficou estável em R\$ 2,10 por **dólar**. Para o fechamento de 2014, a estimativa dos analistas dos bancos para o **dólar** permaneceu inalterada em R\$ 2,15.

A projeção dos economistas do **mercado** financeiro para o superávit da balança comercial (**exportações** menos **importações**) em 2013 caiu de US\$

7,35 bilhões para US\$ 6,55 bilhões na semana passada. Para 2014, a previsão de superávit comercial recuou de US\$ 10 bilhões para US\$ 9 bilhões na última semana.

Para 2013, a projeção de entrada de investimentos no **Brasil** ficou inalterada em US\$ 60

bilhões. Para 2014, a estimativa dos analistas para o aporte de investimentos estrangeiros continuou em US\$ 60 bilhões na última semana.

	VEÍCULO BLOG DA FLORESTA	EDITORIA	
	TÍTULO Presidente do PV garante apoio à PEC que prorroga incentivos tributários à Zona Franca		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

O presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara Municipal de Manaus (CMM), vereador Everaldo Farias (PV), e o prefeito Artur Neto (PSDB) participaram de uma reunião, na semana passada, com o presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara dos deputados, o deputado federal José Luiz Penna (PV-SP), sobre a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que prorroga os incentivos tributários da Zona Franca de Manaus por mais 50 anos.

Presidente nacional do PV, Luiz Penna prometeu o apoio da bancada do Partido Verde na Câmara, composta por 11 parlamentares, à proposta e disse que buscará a adesão de deputados de outras legendas. O deputado de São Paulo reconheceu que a Zona Franca de Manaus é o principal meio de manutenção da floresta no Amazonas. “Essa manutenção está provada no percentual de preservação da floresta no estado amazonense, mais de 95% de toda região”, completou o deputado.

O vereador Everaldo Farias disse que a iniciativa de Luiz Penna mostra que o Partido Verde tem uma política nacional de gestão sustentável. “Nossa principal luta é o desenvolvimento sustentável e a Zona Franca representa muito bem essa ideia no Amazonas e também é exemplo para todo o Brasil. A garantia do deputado Penna e o reconhecimento dele quanto ao modelo só aumentou a confiança sobre a aprovação da PEC (que prorroga a Zona Franca de Manaus)”, concluiu Everaldo.

Na ocasião, o prefeito Arthur Neto convidou o deputado federal a conhecer o Amazonas e a Zona Franca Manaus para entender como funciona o modelo em uma visita ‘in loco’. Também participaram do encontro a secretária municipal de Meio Ambiente, Kátia Helena, o secretário do Gabinete Civil, Humberto Michiles, e o secretário municipal de Obras, Hissa Abrahão.

	VEÍCULO PORTAL DO HOLANDA	EDITORIA	
	TÍTULO ZFM: Celulares e bicicletas são temas de discussão em Brasília		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A **Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus** participou, em Brasília, de reuniões realizadas na última semana para tratar sobre dois produtos fabricados no Polo Industrial de **Manaus (PIM)**: aparelhos celulares e bicicletas. Promovidas pelo Grupo Técnico de Análise do Processo Produtivo Básico (**GTPPB**), composto por representantes da **Suframa**, do **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)** e **Ministério** da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), as reuniões tiveram a participação de representantes das empresas interessadas e associações de classe, e tiveram por objetivo discutir propostas para incentivar os dois segmentos da indústria brasileira. A **Suframa** foi representada pelo coordenador-geral de Acompanhamento de Projetos Industriais (CGAPI), José Jorge do Nascimento Júnior.

A discussão que tratou sobre bicicletas foi proposta pela Associação Brasileira de Fabricantes de Motocicletas,

Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo). Segundo os empresários, diante da mudança do perfil do consumidor, que começa a exigir produtos com design mais moderno, de maior qualidade e performance, é necessário atualizar o **PPB** atual.

A alegação das empresas é de que componentes, até então considerados de uso exclusivo de bicicletas de alta performance, se tornaram de uso comum, como suspensões, guidões em materiais especiais e rodas, entre outros. A adaptação da tecnologia e da qualidade dos quadros utilizados são fundamentais para as indústrias do setor, bem como o uso de materiais especiais (como o alumínio e fibra de carbono) na fabricação de quadros é cada vez mais exigido pelo **mercado** consumidor. Assim, segundo as empresas, as estratégias de manufatura precisam ser revistas, buscando a viabilidade da fabricação de produtos de maior valor agregado.

	VEÍCULO BLOG DO SARAFA	EDITORIA	
	TÍTULO Um novo Amazonas		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Por Marcelo Ramos:

Hoje inauguro uma série de artigos com reflexões sobre a formação política, econômica e social do Amazonas.

Para abordar questões relacionadas a educação, saúde, segurança, infraestrutura, energia, telecomunicações, **ZFM**, inicio por contextualizar nossa formação histórico-política da segunda metade do século passado até os dias de hoje.

O marco da chegada ao Poder do grupo político que governa o **Amazonas** é o dia 25.03.1955 com a eleição de Plínio Ramos Coelho que, em 1956, indicaria o jovem Gilberto Mestrinho, então com 28 anos, prefeito de **Manaus** e depois seu sucessor no Governo do Estado em 1958.

São 58 anos de 1955 pra cá, dos quais 18 estivemos sob a ditadura militar (1964 a 1982) e 40 anos sob regime democrático. Aqui registro um anacronismo que talvez explique muito da formação das nossas instituições.

Nos 18 anos de ditadura tivemos 5 governadores (Arthur Reis – 64/67; Danilo Areosa – 67/71; João Walter – 71/75, Enoque Reis – 75/79 e José Lindoso – 79/82). Por absurdo que pareça, nos 40 de democracia também apenas 5

homens governaram o **Amazonas** (Plínio Coelho -55/59 e 63/64; Gilberto Mestrino – 59/63, 83/87 e 91/95; Amazonino Mendes – 87/90, 95/99 e 99/03, Eduardo Braga – 03/07 e 07/10 e Omar Aziz – 2010/2011 e 2011 até hoje).

Ou seja, sob a lógica da alternância de Poder como elemento essencial da consolidação das instituições democráticas ainda temos muito a avançar.

Essa constatação de que apenas um grupo político governa o **Amazonas** desde 1955 poderia expressar o sucesso da política econômica e social das suas gestões. Não é o caso.

Analisando apenas os últimos anos, veremos que o **Amazonas** de 2005 a 2013 teve um crescimento de quase 300% na arrecadação de impostos. Acontece que, nesse mesmo período, o Estado passou a ser o 4o. com maior número de miseráveis, chegou a figurar como penúltimo no ENEM, tem o 2o. pior SUS do país e foi recordista nacional em homicídios.

Ou seja. O Estado ficou rico, mas o povo ficou pobre e os serviços públicos precarizaram.

Chegou a hora de construir o novo **Amazonas!**